



O PERIGO DE UMA CIDADE ÚNICA¹

EIXO TEMÁTICO: OUTRAS HISTÓRIAS

LIMA, Carolina Maria Soares

Mestre em Geografia e Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo; Professora substituta no departamento de Análise Crítica da Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na mesma universidade.
carolmsoares98@gmail.com

RESUMO

O trabalho discute a complexidade das cidades, alertando para os riscos de uma visão simplista e unidimensional. Inspirada por Adichie (2019), a disciplina de Arquitetura, Arte e Ciências Humanas na UFMG explorou diversas perspectivas sobre as cidades, debatendo temas como diversidade epistemológica e colonialidade do poder. Por meio de colagens, os alunos refletiram sobre os riscos de uma cidade única e a importância de considerar múltiplas narrativas na compreensão e transformação dos espaços urbanos. O trabalho final da disciplina concentrou-se na criação de colagens, uma abordagem criativa e interdisciplinar que visa catalisar debates sobre a complexidade das cidades contemporâneas. A metodologia da colagem surge como resposta ao desafio de transformar o vasto fluxo de informações em conhecimento, permitindo aos estudantes explorar e reinterpretar narrativas urbanas de forma crítica. Cada colagem produzida reflete uma análise profunda das dinâmicas urbanas, destacando os perigos de uma história urbana única sob diferentes perspectivas. Desde a representação do controle do tempo e da violência até a crítica das instituições responsáveis pela (re)produção da cidade, as colagens exploram temas como desigualdade, identidade e resistência. Ao invés de simplesmente expor problemas, essas obras desencadeiam debates cruciais sobre diversidade urbana e a necessidade de reconhecer e valorizar as múltiplas histórias e experiências que coexistem nas cidades. Ao término da disciplina, os estudantes emergem não apenas com uma compreensão mais profunda das complexidades urbanas, mas também com um novo olhar sobre seu papel como futuros profissionais da arquitetura e urbanismo.

PALAVRAS-CHAVE: colagem; ensino de arquitetura e urbanismo; história; diversidade epistemológica; dinâmicas urbanas.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

ABSTRACT

The work discusses the complexity of cities, warning of the risks of a simplistic and one-dimensional view. Inspired by Adichie (2019), the Architecture, Art, and Human Sciences discipline at UFMG explored different perspectives on cities, debating topics such as epistemological diversity and coloniality of power. Through collages, students reflected on the risks of a single city and the importance of considering multiple narratives in understanding and transforming urban spaces. The final work of the discipline focused on the creation of collages, a creative and interdisciplinary approach that aims to catalyse debates about the complexity of contemporary cities. The collage methodology arises as a response to the challenge of transforming the vast flow of information into knowledge, allowing students to explore and reinterpret urban narratives in a critical way. Each collage produced reflects an in-depth analysis of urban dynamics, highlighting the dangers of a unique urban history from different perspectives. From representing time control and violence to criticizing the institutions responsible for the (re)production of the city, the collages explore themes such as inequality, identity, and resistance. Rather than simply exposing problems, these works trigger crucial debates about urban diversity and the need to recognize and value the multiple histories and experiences that coexist in cities. At the end of the course, students emerge not only with a deeper understanding of urban complexities, but also with a new perspective on their role as future professionals in architecture and urbanism.

KEY-WORDS: *collage; teaching architecture and urbanism; history; epistemological diversity; urban dynamics.*

RESUMEN

La obra analiza la complejidad de las ciudades, advirtiéndole de los riesgos de una visión simplista y unidimensional. Inspirándose en Adichie (2019), la disciplina de Arquitectura, Arte y Ciencias Humanas de la UFMG exploró diferentes perspectivas sobre las ciudades, debatiendo temas como la diversidad epistemológica y la colonialidad del poder. A través de collages, los estudiantes reflexionaron sobre los riesgos de una sola ciudad y la importancia de considerar múltiples narrativas para comprender y transformar los espacios urbanos. El trabajo final de la disciplina se centró en la creación de collages, un enfoque creativo e interdisciplinario que pretende catalizar debates sobre la complejidad de las ciudades contemporáneas. La metodología del collage surge como respuesta al desafío de transformar el vasto flujo de información en conocimiento, permitiendo a los estudiantes explorar y reinterpretar narrativas urbanas de manera crítica. Cada collage producido refleja un análisis en profundidad de la dinámica urbana, destacando los peligros de una historia urbana única desde diferentes perspectivas. Desde representar el control del tiempo y la violencia hasta criticar las instituciones responsables de la (re)producción de la ciudad, los collages exploran temas como la desigualdad, la identidad y la resistencia. En lugar de simplemente exponer problemas, estos trabajos desencadenan debates cruciales sobre la diversidad urbana y la necesidad de reconocer y valorar las múltiples historias y experiencias que coexisten en las ciudades. Al final del curso, los estudiantes emergen no sólo con una comprensión más profunda de las complejidades urbanas, sino también con una nueva perspectiva sobre su papel como futuros profesionales de la arquitectura y el urbanismo.

PALABRAS CLAVE: *collage; enseñanza de arquitectura y urbanismo; historia; diversidad epistemológica; dinámica urbana.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título “o perigo de uma cidade única”, pois tem como ponto de partida o texto “O perigo de uma história única” de Chimamanda Adichie (2019). No texto, Adichie adverte que ao nos orientarmos para a construção do conhecimento sobre um grupo ou comunidade a partir de uma única história, ou narrativa, corremos o risco de não sermos críticos o suficiente. Segundo a autora, histórias únicas roubam a dignidade das pessoas, dificultando o reconhecimento de nossa humanidade em comum. A partir da fala de Adichie, a disciplina Arquitetura, Arte e Ciências Humanas, ofertada no curso de Arquitetura e Urbanismo Noturno na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tomou direcionamento na oferta do primeiro semestre de 2024. A partir do desenvolvimento da disciplina e no trabalho final, apresentado na forma de exposição de colagens sob o título “O perigo de uma cidade única” o presente artigo se apresenta, em simultâneo, como um relato de experiência docente, uma proposta metodológica e uma divulgação de resultados, a partir do trabalho e das reflexões dos estudantes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A DISCIPLINA

A disciplina é obrigatória para os estudantes a partir do terceiro período do curso noturno em Arquitetura e Urbanismo da UFMG e contou com trinta horas de aula, distribuídas em 08 encontros, entre teoria e prática. Os objetivos da disciplina voltaram-se para pensar a interlocução entre arquitetura, arte e ciências humanas e as relações entre crítica, teoria e história; introduzir a noção de diversidade epistemológica no contexto do pensamento arquitetônico e exercitar a escuta sensível diante dos saberes espaciais distribuídos no território; refletir sobre a postura do pesquisador/arquiteto em pesquisas de campo de viés antropológico, na prática de arquitetura e urbanismo. Nesse sentido, a oferta da disciplina é volátil e, a cada semestre, a depender da própria turma e do cotidiano no qual a sociedade se atravessa, a oferta se configura em diferentes formatos e culmina em diferentes resultados.

Na primeira aula, os estudantes foram apresentados às noções de epistemologia, história e historiografia, que seriam fundamentais para embasar as discussões orientadas

posteriormente. Além disso, realizaram a leitura do texto “Não fazer nada, com urgência” (MORATO, 2011), que pautou o debate sobre a origem do conhecimento, sobre as demandas coletivas, sobre o espaço e as necessidades comunitárias. A partir deste debate, apoiado nas noções apresentadas, foi delineado um caminho fundamental de construção de conhecimento para questionar, criticamente, o papel do arquiteto e urbanista na sociedade contemporânea.

Na segunda aula, orientada pelos textos “O perigo de uma história única”, “Davi no Museu” (MARQUEZ, 2017) e “Olhares negros” (HOOKS, 2020), os estudantes tiveram contato com as noções de violência epistêmica, colonialidade do poder e do saber, e puderam, então, construir debates sobre a construção de estereótipos sobre a cidade e sobre os diferentes grupos que nela vivem e nela se reproduzem. Nessa aula, também, a partir do rap dos Racionais MCs, do enredo da escola de samba Vai-Vai de 2024 e toda a repercussão midiática sobre estas duas representações artísticas e culturais, que reverteram os olhares e narrativas sobre o braço armado do Estado, os estudantes puderam debater sobre outras fontes de conhecimento e saberes sobre a cidade que não o conhecimento científico e acadêmico, reconhecendo, nas artes e nas expressões culturais, fontes fundamentais de conhecimento sobre o cotidiano.

Na terceira aula, que foi aberta ao público, houve a exibição do documentário em curta-metragem Kilombo Mocambeiro, de Pedro Costa, e uma roda de conversa com o diretor, na qual o mesmo pôde expor sua experiência artística e seus desejos de construção do documentário como forma de arquivo e documentação de um grupo social que, outrora, dependia de história oral e estava perdendo sua tradição por conta do próprio tempo. Kilombo Mocambeiro (COSTA, 2023) mostra a história de uma comunidade quilombola em um distrito próximo à própria UFMG e alguns estudantes, durante a roda de conversa, expressaram admiração e interesse em conhecer mais sobre a organização espacial e historiográfica do quilombo. Na segunda parte do encontro, os estudantes tiveram contato com o texto “De perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), e a partir deste, construímos um debate sobre o

trabalho de campo em Arquitetura e Urbanismo e a importância do rompimento entre a separação colonialista e academicista entre “nós” e “eles”.

Na quarta aula, os estudantes foram convidados a escolher ao menos duas leituras disponíveis no site Piseagrama para elaborar um ensaio escrito a partir de algumas questões, já debatidas anteriormente nas aulas. Piseagrama é uma plataforma editorial, *open access* que se dedica a inventar confluências, catalisar ideias urgentes e reunir pessoas para pensar outros mundos possíveis, sendo escolhida por trazer textos que tensionam as noções de arte, arquitetura, cidade, lugar e espaço.

Na quinta aula, os estudantes se depararam com a pergunta inicial “a quem pertence o passado?”, que tensionou, fundamentalmente, a noção de que objetos de estudo e pesquisa pertencem exclusivamente a seus campos fechados em termos acadêmicos. A partir dessa pergunta disparadora, iniciamos o trabalho final da disciplina, que, questionando os perigos de uma história única, a partir das elaborações de Adichie, iremos tensionar os perigos de uma cidade única, fundada em uma história única, em um conhecimento único, e as possibilidades a partir destes outros conhecimentos. Nessa aula, os estudantes tiveram contato com os trabalhos de artistas e pensadores como Tiago Sant’Ana, Grada Kilomba e Nego Bispo. A partir dos trabalhos estudados, construíram um debate sobre as formas com as quais, a partir de outras fontes de conhecimentos e saberes, faz-se possível acessar outras narrativas e pensar práticas contracoloniais no campo da arquitetura e urbanismo.

Na sexta aula, a partir da categoria espacial de lugar, os estudantes tiveram contato com narrativas de diários, a partir de “Casa de Alvenaria” de Carolina Maria de Jesus (2021) e “Um Corpo em Trânsito” (COSTA et. al. 2021), para pensar as diferentes formas de conformação e consolidação de lugares na cidade. A partir disso, foi possível pensar o lugar como chave para acessar as diversas dinâmicas urbanas que se sobrepõem nas cidades contemporâneas e, na sequência, avaliar o trabalho de arquitetos, como Lina Bo Bardi e Freddy Mamani, para

compreender como, na prática, a noção de lugar pode ser incorporada ao trabalho e ao projeto arquitetônico.

O lugar, enquanto categoria de análise do espaço, é composto por um conjunto, ou uma constelação, de narrativas dissensuais. Essas narrativas formam uma constelação acessível pela noção de lugar, que, de acordo com Massey (2008), é um "tecer de histórias em processo", um momento nas geometrias de poder, uma constelação particular em espaços mais amplos e uma tarefa inacabada. O lugar se conforma a partir da troca de favores, quando uma vizinha vigia a criança enquanto a mãe vai a uma entrevista de emprego, quando a tia chama a sobrinha para uma caminhada de luta no bairro ou quando as meninas voltam juntas da escola, por exemplo. É quando o cotidiano, espacializado, não poderia ser reproduzido noutro espaço e só naquele lugar. Dessa forma, as narrativas coletadas a partir dos diferentes momentos de apropriação do espaço configuram uma constelação única que contribui para a compreensão do lugar. Buscar compreender o lugar, portanto, é procurar o que se conta no "lado B" da análise espacial, é garimpar quais são as narrativas que colaboram para uma análise e teoria urbanas feitas a contrapelo. Através desse conjunto de narrativas, é possível compreender os mais diferentes processos constituintes da reprodução da vida cotidiana: dentre as várias cidades coexistentes e (in)justapostas, onde a conformação de lugares faz-se possível, há, por vezes, modos de vida contra-hegemônicos.

A partir do repertório construído, na sétima aula, portanto, os estudantes foram convidados a produzir colagens com o tema "O perigo de uma cidade única". Na última aula, apresentaram o trabalho das colagens e suas reflexões sobre os perigos de uma cidade única, agregando os debates construídos ao longo do bimestre de encontros. A atividade final parte da noção de que na sociedade contemporânea, as cidades são frequentemente retratadas de forma simplificada e unidimensional, agregando histórias, por vezes, universais, o que pode ocultar a riqueza e diversidade das experiências urbanas. Nesta atividade, partimos do conceito de "O Perigo de uma História Única", conforme explorado por Adichie aplicá-lo à análise crítica e histórica da arquitetura e do urbanismo. Considerando que uma história única pode gerar estereótipos, entendemos que o problema não reside somente na falsidade desses

estereótipos, mas sim em sua incompletude. Assim, surge a pergunta: qual o perigo de uma cidade única, vivida, concebida e percebida com base em um único conhecimento?

Os estudantes, então, foram chamados a criar uma colagem em formato A3 que explorasse desde a utopia de outras cidades até o perigo representado por uma cidade única. Além de estimular a criatividade, esta atividade visou promover uma reflexão crítica sobre como as narrativas moldam nossas percepções e influenciam nossas ações no ambiente urbano.

BRICOLAGEM, UTOPIAS E OUTRAS HISTÓRIAS

O trabalho final da disciplina, conforme exposto anteriormente, foi fundamentado na elaboração de uma colagem em A3 que deveria ser apresentada para o grupo e, assim, disparar outros debates no contexto da disciplina. A ideia de trabalhar com colagem parte do grande desafio posto para as metodologias de ensino e aprendizagem na contemporaneidade em transformar o imenso volume e fluxo de informações em conhecimento, tendo em vista a dificuldade constante que se têm em selecionar, entre milhares de informações diferentes, o que é verdadeiramente útil e fundamental para as argumentações e críticas que se construirá (CRUZ, 2008).

A bricolagem, é um termo oriundo do francês, proposto originalmente por Lévi-Strauss (1976) e se refere a trabalho manual feito de improviso, aproveitando toda a espécie de materiais e objetos disponíveis. Assim, as criações de bricolagem apresentam um arranjo novo de elementos pré-existent, no caso deste trabalho, das histórias únicas e, por vezes, apresentam realidades utópicas ou dão visibilidade a outras narrativas que estavam ocultas. Já que novos universos nascem de seus fragmentos, a colagem passa a ser um exercício crítico de análise de conteúdo e de reinterpretação de narrativas e histórias. A partir, portanto, de revistas diversas, mas principalmente Veja e Piseagrama, buscas direcionadas em portais digitais e desenhos, as colagens abaixo foram produzidas pelos estudantes que consolidaram a exposição “Os perigos de uma cidade única”.

A colagem 01 (Figura 01), conforme os estudantes apontaram, não se deu de forma linear, conforme era esperado na proposta da atividade. Eles explicaram que "cortaram imagens que

poderiam ser úteis", agregando representações de experiências individuais que, por vezes, podem ser utilizadas para compor uma noção totalitária de cidade. Os estudantes buscaram representar na colagem o sistema que orienta a reprodução da vida urbana, fundamentalmente apoiado no controle do tempo dos cidadãos. Esse controle do tempo impossibilita a percepção das diversas cidades e modos de vida que coexistem na mesma cidade.

Além do controle do tempo, os estudantes procuraram agregar representações que abordam a violência e a sensação de segurança. A partir da percepção do grupo, esses são fatores que segregam grupos e impedem o conhecimento de outras histórias presentes na cidade. Essa segregação contribui para a invisibilidade e o silenciamento de experiências variadas, especialmente de grupos marginalizados.

O grupo também se propôs a criticar a origem das narrativas sobre grupos subalternizados, que frequentemente são moldadas pela grande mídia. Esta crítica foi simbolicamente representada pela figura do Mickey, que em muitos contextos representa a hegemonia cultural e a influência dos meios de comunicação de massa. A colagem 01, portanto, reflete os esforços dos estudantes para apontar algumas das causas das invisibilidades e silenciamentos sofridos por grupos marginalizados nas cidades. Ao fazer isso, eles não apenas destacam as dinâmicas de poder e controle que estruturam a vida urbana, mas também abrem espaço para uma reflexão crítica sobre a necessidade de reconhecer e valorizar a diversidade de experiências que compõem a cidade.

A colagem 02 (Figura 02) começa com a imagem do titã grego Atlas sustentando a cidade, e abaixo são representadas as instituições que, na perspectiva dos estudantes, desempenham um papel fundamental na (re)produção de uma cidade fundamentada em uma única história. Os estudantes observaram que, ao longo do curso, perceberam que tanto a prefeitura quanto a universidade, neste caso representadas na colagem, são responsáveis pela perenização da colonialidade que permeia a vida urbana. Eles expressaram o sentimento de estar aprisionados em "labirintos" institucionais, nos quais se veem incapazes de escapar. Antecipam um futuro no qual se sentirão compelidos a reproduzir lógicas coloniais em suas

práticas profissionais, uma vez que servirão a instituições que, em última análise, também são enraizadas na colonialidade.

Figura 1: Colagem 01



Fonte: acervo pessoal, 2024

O labirinto é utilizado como metáfora para destacar como a cidade, no contexto neoliberal do capitalismo, aprisiona as pessoas, impedindo-as de acessar outros circuitos e, conseqüentemente, conhecer outras cidades e histórias. A colagem 02 reflete o esforço dos estudantes em reconhecer a influência das instituições no planejamento e no desenvolvimento urbano, muitas vezes à custa de conhecimentos emancipatórios que poderiam ser incorporados individualmente pelos agentes envolvidos. Essa representação visual evidencia não apenas a dominação das estruturas institucionais na configuração da cidade, mas também a resistência e a conscientização dos estudantes em relação a essa dinâmica, ao mesmo tempo que questionam as possibilidades de transformação dentro desses sistemas institucionais estabelecidos.

Figura 2: Colagem 02



Fonte: acervo pessoal, 2024

A colagem 03 (Figura 03) mostra a divisão entre duas diferentes cidades. Segundo as estudantes, buscaram representar a cidade formal e queriam apresentar uma cidade alternativa, também, na mesma colagem. Conforme a criação foi se estabelecendo, os estudantes notaram a possibilidade de apresentar a justaposição de duas cidades que convivem e que, por vezes, não se percebem, mas que, a partir de alguns agentes, se conectam. Esses agentes, conforme descrito pelas estudantes, são aqueles que sustentam a cidade formal com seu trabalho, muitas vezes realizado nos setores de cuidado, mas que residem e reproduzem suas vidas em uma cidade marginalizada. A colagem também representa a ideia de que esses mesmos agentes, essenciais para a sustentação da cidade formal, acabam sendo marginalizados e expulsos dela quando não estão sendo utilizados como força de trabalho. Dessa forma, os estudantes conseguem ilustrar a tensão e a coexistência de diferentes modos de vida em uma mesma cidade, destacando a dimensão do

espaço percebido no contexto da (re)produção urbana. Este trabalho visual evidencia não apenas a realidade física da cidade, mas também as complexas dinâmicas sociais e econômicas que a moldam, provocando uma reflexão sobre as interconexões e desigualdades que permeiam o tecido urbano.

Figura 3: Colagem 03



Fonte: acervo pessoal, 2024

A colagem 04 (Figura 04) teve origem em um desenho inicial, em preto e branco, que representava uma cidade. Conforme as estudantes, elas utilizaram esse desenho como ponto de partida para identificar as lacunas e omissões, buscando preencher os espaços vazios da cidade com elementos adicionais presentes na colagem. Assim, ao preencherem esses vazios, o objetivo era suprir o que, na visão delas, faltaria nas cidades moldadas por uma narrativa única: expressões de luta, celebração, festividade e resistência.

Os estudantes acreditavam que ao incorporar essas diferentes perspectivas na história urbana, poderiam encontrar novas narrativas que possibilitassem a consideração de outras potencialidades para a cidade. Nesse sentido, a colagem 04 representa um movimento em

direção a uma abordagem mais propositiva, buscando identificar e valorizar outras narrativas presentes na cidade e explorar como essas narrativas alternativas podem influenciar e redefinir não apenas a prática arquitetônica, mas também outras áreas relacionadas.

Ao destacar olhares de resistência e celebração, as estudantes ampliam o escopo da discussão para além das limitações de uma única narrativa dominante, sugerindo a necessidade de reconhecer e integrar uma diversidade de experiências e perspectivas na construção e na concepção da cidade. Essa abordagem mais ampla não apenas enriquece nossa compreensão da vida urbana, mas também aponta para possibilidades de transformação e renovação nos processos de planejamento e desenvolvimento urbano.

Figura 4: Colagem 04



Fonte: acervo pessoal, 2024

A colagem 05 (Figura 05) partiu de um dos textos trabalhados em sala de aula, veiculado pela revista Quatro Cinco Um. O texto, chamado “Um corpo em trânsito”, se apresenta como um misto de realidade e ficção e mostra a desigualdade nos trajetos cotidianos de empregadas

domésticas. Assim, as estudantes buscaram criar uma representação visual que abarcasse os perigos de uma cidade única e, dentre tais perigos, as desigualdades enfrentadas pelos corpos das empregadas domésticas nas cidades, as privações e as possibilidades narrativas a partir das vivências destes corpos. Buscaram, segundo elas mesmas, trazer os impactos dos marcadores sociais de diferença como gênero e classe para a subalternidade, ocultando e silenciando as narrativas de determinados grupos nas cidades. A colagem 05, portanto, passou a posicionar, no debate, quais são os corpos vítimas dos perigos das cidades únicas.

O objetivo era não apenas ilustrar as adversidades enfrentadas por esses corpos marginalizados, mas também explorar as privações e as possibilidades de narrativas emergentes a partir de suas vivências. Conforme afirmado pelas estudantes, o intuito era evidenciar os impactos dos marcadores sociais de diferença, como gênero e classe, na subalternização desses grupos, resultando na ocultação e no silenciamento de suas experiências no contexto urbano.

Dessa forma, a colagem 05 emergiu como uma contribuição significativa para o debate sobre quais corpos são mais vulneráveis aos perigos inerentes às cidades moldadas por uma única narrativa hegemônica. Ao posicionar esses corpos marginalizados no centro da discussão, a colagem não apenas revela as injustiças e desigualdades estruturais presentes no tecido urbano, mas também instiga reflexões mais profundas sobre como essas dinâmicas podem ser desafiadas e transformadas para promover uma cidade mais inclusiva e equitativa.

A colagem 06 (Figura 06) foi concebida especificamente para refletir sobre o contexto urbano da cidade de Belo Horizonte, onde está localizada a Escola de Arquitetura e onde a maioria dos estudantes do curso reside. Os estudantes buscaram, por meio dessa colagem, desafiar a lógica de (re)produção do espaço que muitas vezes é imposta, em detrimento da realidade vivenciada no cotidiano da cidade. Além disso, procuraram questionar as diversas possibilidades e formas de ocupação do centro urbano, explorando as oportunidades de apropriação do espaço público e de experiência da vida urbana em Belo Horizonte.

Figura 5: Colagem 05



Fonte: acervo pessoal, 2024

Assim, a colagem 06 oferece uma perspectiva que direciona a atenção para as dinâmicas específicas e as histórias entrelaçadas na própria essência de Belo Horizonte. Por meio da arte representada na colagem, assim como das ocupações populares por moradia e das insurgências sociais, os estudantes lançam luz sobre narrativas que emergem dessas vivências urbanas. Essas narrativas capturam não apenas os aspectos visíveis da cidade, mas também os movimentos e resistências que podem ser mapeados no tecido urbano. Ao destacar essas nuances, a colagem 06 amplia a compreensão da complexidade urbana e convida a uma reflexão mais profunda sobre as formas de participação e transformação do espaço urbano em Belo Horizonte.

Figura 6: Colagem 06



Fonte: acervo pessoal, 2024

A colagem 07 (Figura 07) foi elaborada pelos estudantes com o intuito de abordar as questões de desigualdade e conflitos urbanos, enfocando especialmente a descaracterização das culturas locais e a ausência de sua representação no tecido urbano. Eles visualizaram como os perigos associados à imposição de narrativas únicas, destacados por Adichie, se manifestam também na forma de desigualdades visíveis na paisagem urbana, no cotidiano das pessoas e nas experiências de consumo.

Na colagem, os estudantes procuraram retratar os riscos decorrentes de uma cidade uniformizada, na qual há uma imposição generalizada de modos de vida, habitação, lazer, produção, consumo e convívio, resultando em uma atmosfera permeada por conflitos e tensões. Eles também exploraram como a homogeneidade urbana pode levar à apatia e à

perda de identidade das pessoas, já que a maioria é subjugada a um padrão único de existência.

Essa reflexão levou os estudantes a questionar como é possível estabelecer uma identidade autêntica e cultivar laços comunitários genuínos em meio às condições de vida contemporâneas. Assim, a colagem 07 revela um dos perigos intrínsecos a uma cidade uniformizada: a supressão das identidades individuais e coletivas. Dessa forma, ela ressalta os perigos inerentes à imposição de uma única narrativa sobre o espaço urbano, ecoando as preocupações levantadas por Adichie sobre os perigos da história única.

Figura 7: Colagem 07

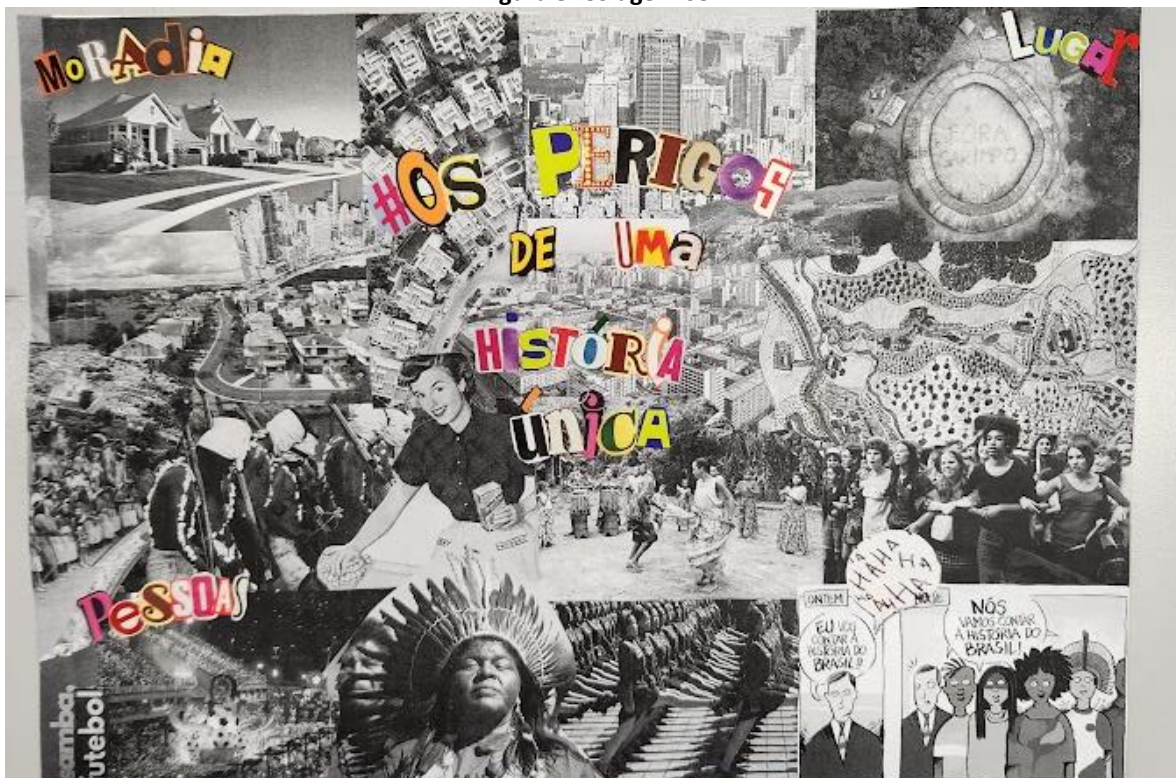


Fonte: acervo pessoal, 2024

A colagem 08 (Figura 08) foi elaborada por um grupo de estudantes que dividiu os perigos de uma cidade única em três eixos: o lugar, a moradia e as pessoas. No que tange as pessoas, buscaram representar aquelas que são as maiores vítimas dos perigos de uma história única

e, por consequência, de uma cidade única: aquelas que carregam marcadores sociais de diferença, tal como mulheres, indígenas, negros e quilombolas. No que tange a moradia, o perigo a atinge pelo caminho da padronização, representando, por exemplo, os subúrbios estadunidenses e as cidades verticalizadas, os estudantes destacam que tal padronização acaba por inviabilizar outros modos de morar. A respeito do lugar, finalmente, apontam a forma com a qual o “trem do progresso”, fazendo relação com um dos textos trabalhados na disciplina, sendo uma ferramenta de (re)produção das cidades únicas, acaba por sucatear a sobrevivência e a vida nas brechas das cidades, inviabilizando as possibilidades de resistência dos lugares. Assim, a colagem 08 nos convida a uma análise abrangente e aprofundada dos perigos inerentes à concepção de uma cidade única. Por meio dessas diferentes perspectivas, somos desafiados a considerar as diversas camadas de análise e a explorar as possibilidades de criação de ambientes urbanos mais diversificados, inclusivos e resilientes.

Figura 8: Colagem 08



Fonte: acervo pessoal, 2024

A partir das colagens, portanto, foi possível pensar os perigos de uma cidade única a partir de diferentes perspectivas, todas partindo da noção de história única, apresentada por Adichie, e dos demais conceitos e trabalhos executados ao longo da disciplina. Contudo, o que todos

os trabalhos guardam em comum é que os estudantes passaram a reconhecer, a partir deste, que há um grande perigo em ocultar histórias e vivências cotidianas nas cidades: subalternizar modos de vida e inviabilizar a (re)produção da vida para além das imposições da rodada neoliberal do capitalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência da colagem e da oferta da disciplina de forma geral, foi possível tensionar a relação entre as diferentes histórias presentes na cidade. Ao término desta jornada de aprendizado e reflexão, fica claro o papel fundamental que a disciplina desempenhou na formação dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo da UFMG. Durante os oito encontros, entramos em debates acerca de intersecções entre arte, ciências humanas e arquitetura, desafiando conceitos preestabelecidos e ampliando nossas visões sobre o papel do arquiteto na sociedade contemporânea.

Desde as primeiras aulas, onde nos deparamos com as noções de epistemologia e historiografia, até os momentos de debate sobre a diversidade de saberes presentes no território urbano, fomos incentivados a questionar, a refletir e a buscar novas formas de compreender o espaço que concebemos, vivemos e percebemos. Por meio de atividades que nos colocaram em contato com obras artísticas, documentários e textos provocativos, fomos desafiados a pensar para além dos limites do conhecimento acadêmico tradicional, reconhecendo nas expressões culturais e nas narrativas cotidianas fontes legítimas de sabedoria e compreensão do mundo que nos cerca.

A culminância do curso, representada pela produção das colagens sobre "O perigo de uma cidade única", foi um exercício poderoso de síntese e expressão, onde pudemos articular as reflexões acumuladas ao longo das aulas em uma manifestação visual e crítica. Em última análise, esta disciplina não apenas ampliou os horizontes intelectuais, mas também nos instiga a repensar nosso papel como futuros profissionais da arquitetura e do urbanismo.

Fica evidente que a disciplina proporcionou um espaço privilegiado para explorar e valorizar essas narrativas marginalizadas e muitas vezes esquecidas. Ao desafiar os estereótipos e as

narrativas dominantes, daremos voz aos "outros" e "outras", reconhecendo sua importância central na construção da história e da cultura urbana. As reflexões sobre os conflitos, as lutas, as questões de gênero e as formas de resistência nos permitiram vislumbrar as fraturas da modernidade e entender as múltiplas camadas que compõem o tecido urbano. Assim, ao nos lançarmos na exploração dessas outras histórias, enriquecemos nosso entendimento do mundo e nos capacitamos para promover mudanças significativas em nossas práticas profissionais e em nossa relação com o espaço urbano.

As colagens produzidas pelos estudantes oferecem uma rica tapeçaria de reflexões sobre os perigos associados à imposição de uma história única nas cidades contemporâneas. Ao analisar e reinterpretar imagens e narrativas, os estudantes não apenas destacaram as consequências desse fenômeno, mas também abriram espaço para a consideração de diferentes perspectivas e realidades ocultas. Cada colagem, cuidadosamente elaborada, revela camadas profundas de análise, destacando os efeitos da padronização, da marginalização de grupos sociais e da supressão de identidades. Mais do que simplesmente expor problemas, essas obras desencadeiam debates cruciais sobre a diversidade urbana e a necessidade urgente de reconhecer e valorizar as múltiplas histórias e experiências que coexistem nas cidades. Ao final, fica claro que a resistência à imposição de uma cidade única não é apenas uma questão teórica, mas uma demanda vital para a promoção da vida em sua

plenitude, para além das limitações impostas pelo paradigma da rodada neoliberal do capitalismo.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019.
- COSTA, Pedro Vitor; MENDO, Ayara; CAPILLE, Cauê. Um corpo em trânsito. AS CIDADES E AS COISAS, FICÇÃO. Periódico: quatro cinco um, 2021
- COSTA, Pedro Augusto Martins. Kilombo Mocambeiro: Memória Ancestral. Filme, 2023.
- CRUZ, José Marcos de Oliveira. Processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação. Educação & Sociedade, 2008, 29: 1023-1042.
- DE JESUS, Carolina Maria. Casa de alvenaria–Volume 1: Osasco. Companhia das Letras, 2021.
- HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2020.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. O pensamento selvagem, 1989, 12: 15-50.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira de ciências sociais, 2002, 17: 11-29.
- MARQUEZ, Renata Moreira. Davi no museu. Espaço público periódico: piseagrama, 2017.
- MASSEY, Doreen. A global sense of place. In: The cultural geography reader. Routledge, 2008. p. 269-275.
- MORATÓ, Ion Cuervas-Mons. Não fazer nada, com urgência. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 2, p. 42-43, abr. 2011.